



SOBRINO, Jon. *Onde está Deus? Que faz Deus nas tragédias?*
Tradução de Beatriz Neves da Fontoura. São Leopoldo: Sinodal,
2007.

*Fernando Cardoso Bertoldo**

O autor Jon Sobrino é espanhol, nascido em Barcelona no ano de 1938; porém, desde 1957 vive em El Salvador, o que caracteriza e condiciona muitas de suas ideias. Sua formação de licenciatura em filosofia, bem como no mestrado, se deu nos Estados Unidos; já o doutorado em teologia, ele o fez em Frankfurt, na Alemanha. Na época da publicação do livro, Sobrino exercia a função de diretor do Centro Monsenhor Romero e era professor de teologia. Na aba do livro, além da biografia acima descrita, são citadas outras obras do autor, das quais destaco *Cristología desde América Latina* (1976) e *Liberación com espíritu* (1985).

Na introdução do texto é chamada a atenção à temática do fanatismo religioso, que não teve grande ênfase em discussões. Começa abordando a relação que as pessoas fazem entre Deus e as tragédias naturais, citando como exemplo o terremoto, que leva ao questionamento da teodiceia. Após isso, trata do terrorismo e da barbárie que, da mesma forma, remetem à teodiceia – pergunta sobre o poder de Deus, suas vontades, querer ou não querer, sua existência, seu lugar, seu posicionamento. É apontado que o fanatismo acontece, também, no âmbito secular, envolvendo pátria, dinheiro.

Assim a obra está focada na tese de que na barbárie e no terrorismo são os deuses e as religiões seculares que estão presentes. Para isso subdivide-se em três tópicos, trabalhados sob a interpretação dos mandamentos de Deus: *a) a forma como as religiões tentam superar e corrigir o fanatismo e a violência; b) a idolatria como geradora da violência; e c) a religião como fonte de amor e compaixão.* *a)* A questão da correção e superação do fanatismo e da violência é abordada através da observação do segundo mandamento, sobre não abusar do nome de

* Doutorando em Teologia pela EST, São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia (PUCRS, Porto Alegre, 2017). Bacharel em Psicologia (PUCRS, Porto Alegre, 2013). Bolsista da CAPES.

E-mail: nandobertoldo@hotmail.com





Deus. O autor relembra fatos históricos, como guerras, ataques militares, invasões, matança de inimigos, etc. O cristianismo, em seu início, manteve a observância do mandamento e não respondia com violência aos ataques sofridos. Porém, com a institucionalização, na era constantiniana, logo passou a usar da violência também. O nome de Deus é usado em vão inúmeras vezes, tanto em momentos de paz como de conflitos. Fala-se que temos como condição humana chamar por algo ou alguém em vão. Usando o nome de Deus as pessoas, direta ou indiretamente, tentam manipulá-lo. *b)* No aspecto de ídolos é usada a segunda parte do primeiro mandamento, sobre não ter outros deuses além de Deus. Diferencia-se deuses seculares, que provocam guerras e outros conflitos por causa de recursos naturais, como ouro, petróleo e outros, de deuses religiosos, pertencentes ao Livro, sendo, Antigo Testamento, Novo Testamento e Alcorão, religiões monoteístas que se dizem eleitas, o que provoca sentido de superioridade. *c)* Para falar da religião como fonte de amor e compaixão trabalha-se com a mensagem do primeiro mandamento, sobre amar o Deus da vida acima de tudo. Para a religião cristã Deus é descentralizado do seu ser em si e para si, e vem ao encontro das pessoas, em especial às mais privadas de vida, pobres, sofridas, vítimas de violência. Deus gera vida e seu propósito tem se revelado em Jesus de Nazaré para que as pessoas se apaixonem pelos seres humanos e lhes façam o bem, ao invés de se tornarem fanáticas por uma causa. No fanatismo religioso o Criador é posto em conflito com a sua criação, tornando-se um falso deus.

A questão é que Deus está escondido e ‘sofre’ em silêncio com as vítimas nas catástrofes naturais, estando presente na esperança. A religiosidade popular ambiental é bastante diversa, onde é possível encontrar crenças de que um terremoto, por exemplo, é castigo de Deus. Este, porém, atinge muitas pessoas de forma injusta, sendo colocada uma característica emocional sobre Deus, com critérios humanos. O Deus da aliança com Noé, no entanto, é um Deus que deseja vida aos seres humanos. Outra forma é simplificar crendo que tudo aconteceu por vontade de Deus, através de agradecimento, esperança ou submissão. Essa forma de encarar a dor é um modo de dominar a vida, principalmente para pessoas pobres. Uma terceira forma apresentada é o questionamento sobre o que está acontecendo com Deus? Se Deus é bom e pode ser poderoso de tal forma, ao mesmo tempo? Eis a temática da teodiceia.

A teodiceia quer justificar, através da razão, a presença de Deus no mal e no sofrimento. Sobrino chama a atenção de que esta preocupação,



em grande parte, só existe com aquelas pessoas que não passam necessidades, pois os problemas centrais das pessoas pobres e sofridas vão além de saber como e onde está Deus. Diz que nos pobres jogam-se o sucesso e o fracasso de Deus. É necessário deixar de lado o triunfalismo e olhar para uma teodiceia prática, que provoque indignação com o sofrimento humano, que tenha esperança na força concedida por Deus para manter a esperança humana, e que pratique justiça caminhando humildemente na escuridão com as pessoas necessitadas. A questão última da teodiceia acaba sendo a pergunta pelo amor.

A pergunta sobre como o sofrimento afeta Deus está centrada na crucificação de Jesus Cristo, descrita no Evangelho. Percebe-se uma impotência nas palavras ditas na cruz. Essa passagem nos ajuda a ter claro que o nosso Deus não é um Deus trivial, que nos ajuda por milagres, mas é aquele que está com as vítimas até o final, é solidário com elas. O Deus crucificado tem afinidade com as pessoas pobres, está próximo, fazendo disso a verdadeira salvação. Portanto, o mistério da salvação por meio do Deus crucificado está na sua dupla condição, alteridade e afinidade.